Revista

nº 17

AVESSA

Autoral, criativa e diferente

Autores

Giovanna Tenório
Hedjan C. S.
Sigridi Borges
Jéssica Ribeiro
Daniela Genaro
Laila de Mauro
Nilde Serejo

Resenha Avessa

Tempo em quatro cores

poema de B. Craus Nantai

Equipe

Editora-chefe
Mayara Barros

Conselho Editorial
Claudia Bianco
Igor Batista
Marina Brandão
Mayara Barros
Vitória Pratini

Projeto Gráfico
Claudia Bianco
Marcelle Andrade
Mayara Barros
Victor Vicente
Vitória Pratini

Jornalistas
Claudia Bianco
Marina Brandão
Mayara Barros
Vitória Pratini

Colunistas
B. Craus Nantai

Capa
Débora Pinto

Revisão
Claudia Bianco

Contato
contato@revistavessa.com
www.revistavessa.com

Fone: (21) 992335745
Facebook: /revistavessa
Twitter: @RevistaAvessa

A revista Avessa é uma iniciativa independente de graduandos do curso de Jornalismo da UERJ. Os textos divulgados são de inteira responsabilidade de seus autores e não necessariamente refletem a opinião da revista. Não é permitida a reprodução dos artigos e textos aqui publicados.

Nº 17 Nov/Dez 2017

Editorial

E com essa edição, nos despedimos de 2017. Um ano cheio de dificuldades, mudanças e aprendizados. A família Avessa aumentou, fizemos novas amizades e começamos a pensar em novos projetos. Ano que vem queremos voltar firme e fortes e com novidades para todos que nos acompanham.

É muito bom olhar pra trás e ver o caminho que trilhamos até aqui, as pessoas que conhecemos, as oportunidades que tivemos.

O tema dessa edição foi uma experiência e ficamos muitos felizes com os textos, apesar de ter tido pouca inscrição. Mesmo quando lançamos um tema mais difícil, vocês nos surpreendem. Por favor, continuem assim.

E em 2018 vamos nos esforçar para deixar a revista ainda melhor! Temos planos, nos aguardem!

Mayara Barros
Editora-chefe

5 prosa — As Estações do Amor
Giovanna Tenório

7 prosa — Hospedagem Fria
Hedjan C. S.

13 resenha — Resenha Avessa

19 coluna — Tempo em quatro cores
B. Craus Nantai

21 poesia — Diferentes Sensações
Sigridi Borges

Folhas de Outono 23 poesia
Jéssica Ribeiro

O Canto da Cigarra 24 poesia
Daniela Genaro

Ondas de Calor 25 poesia
Laila de Mauro

Um Amor Além das Estações 26 poesia
Nilde Serejo

As Estações do Amor

O ano mais importante da minha vida pode ser medido com as estações.

Tudo começou na primavera, quando tudo floresce e resplandece de vida e juventude. As marcas do inverno tinham pouco me afetado e eu aproveitava o frescor de vida que me incendiava. E foi nesse momento que eu o conheci. Refrescante como uma brisa primaveril, doce como néctar e com o sorriso mais brilhante que jamais vi.

Começou desajeitadamente. Nenhum de nós sabíamos o que estávamos fazendo, e em mais de uma vez quase estragamos tudo definitivamente. Mas nós conseguimos. Entre os mortos e feridos salvaram-se todos, e logo paramos de pisar em ovos.

Beijá-lo era como beijar uma flor do campo. Doce e macio, com um pequeno toque azedo para tornar o ato ainda mais viciante. Nenhuma pessoa antes ou depois dele tinha um beijo mais tentador.

O amor amadureceu com a chegada do verão. Encontros casuais e conversas banais viraram grandes passos e planos; pensávamos em todas as coisas que iríamos ser e fazer, em como passaríamos nossas vidas juntos.

O que os outros diziam não importava. Aquele era o nosso momento, e ninguém roubaria nossa felicidade. O hoje só é agora e não deve ser vivido pensando no amanhã. Para que pensar se iríamos nos amar amanhã e perder o amor de hoje?

Começou a murchar junto com as folhas de outono. Desentendimentos, brigas e dias sem comunicação. Isso vai passar, é só uma fase. Era o que eu sempre me dizia. Não dá para ser cor-de-rosa e feliz o tempo todo, e as tempestades sempre cessam.

Por que tínhamos que ser tão estúpidos? Nós ignorávamos o amanhã, mas passávamos tanto tempo pensando no ontem que deixamos de viver, de sorrir, de sentir. Pobre tolos!

E acabou no inverno. A morte do amor não é o ódio, e sim a indiferença. Nos afastamos tanto que ele se tornou um desconhecido para mim, alguém por quem eu passaria na rua sem

olhar duas vezes, tudo se foi. Mas isso não me impediu de chorar quando ele se foi.

Quando a primavera começou os ferimentos que o frio me causou ainda estavam sarando.

Mesmo que o fim tenha sido tão ruim, jamais me esquecerei dele. Ainda amo o homem que conheci durante a primavera e o verão. Na verdade, acho que também amo aquele que esteve comigo no outono e no inverno.

Como já disse, depois dele vieram outros e outros. Alguns duraram, outros não. Com alguns fui feliz, com outros não.

A questão é a seguinte: ninguém nunca foi nem será tão importante para mim quanto o homem que amei durante aquelas quatro estações. Os momentos bons e os ruins estarão eternamente preservados em minha mente.

A doçura da primavera. A alegria do verão. O agridoce do outono. O amargo do inverno.

Se alguém tivesse me contado como as coisas acabariam, mesmo assim eu teria prosseguido. Afinal, prefiro ser um efêmero e belo fogo de artifício no céu da noite do que uma eterna e melancólica lua.

Nessa primavera encontrei alguém. Era um homem com sorriso brilhante e caloroso. Estava acompanhado.

Não sei se ele me viu ou se preferiu me ignorar, só sei que a primavera só está começando. Ainda há muito pela frente; e ele não sorria para essa pessoa como sorria para mim, em outra primavera e em outro verão.

Giovanna Tenório
naruhina2012@gmail.com

Nascida em São Paulo, tem 17 anos, está no último ano do Ensino Médio. Apaixonada pelos livros desde que aprendeu a ler, é uma grande apreciadora de livros de livros de aventura e fantasia. Quando não está escrevendo pode ser encontrada com um livro ou em seu computador.

Hospedagem Fria

A cigarra ria da formiga, sempre correndo para lá e para cá durante o ano todo preocupada com a chegada do inverno. Já os vizinhos de Ferraz ficavam intrigados sobre como a vida do vizinho parecia ser regida pela proximidade do verão. Especialmente Maldonado, que observava Ferraz com um interesse cada vez maior.

Ferraz, um homem com aparência prematuramente envelhecida, morava sozinho nos fundos da vila. Sua casa tinha o aspecto arruinado. Muitos sabiam que a decrepitude da propriedade não era tanto por falta de dinheiro. Parecia muito mais uma espécie de desinteresse e desencanto com a vida, como se o morador da maior casa da vila tivesse simplesmente desistido de consertar a fachada cheia de infiltrações, a caixa d'água pingando ou o portão que rangia. Por outro lado, o homem parecia investir todas as suas economias na instalação e manutenção dos ares-condicionados e em obras que ninguém via.

De março a junho, durante o outono, viam Ferraz andando pelo quintal, verificando a instalação dos ares-condicionados externos, máquinas retangulares de um metro e meio que destoavam da construção caindo aos pedaços. Um vizinho mais entendido, ao notar a direção das mangueiras que saíam das máquinas, comentou que ele estava refrigerando apenas o subterrâneo da casa. O fato de ser um homem recluso e ter um porão não melhorou a fama de Ferraz com os vizinhos. Maldonado anotou mentalmente a informação. Apostava que tinha algo de valor lá embaixo.

Durante o inverno ele parecia mais ativo. Ou, pelo menos, era visto mais vezes fora de casa e recebendo visitas. Um homem bem-vestido costumava estacionar seu carro caro, que mudava de marca a cada vez, e fazia visitas rápidas. Mais constantes nos meses frios era a van branca sem janelas que cruzava o portão decrépito. Nenhum vizinho sabia dizer se o veículo realizava uma entrega ou uma coleta. Maldonado foi o único que pensou em anotar o número dos veículos. Com um amigo do Departamento de Trânsito que lhe devia favores, conseguiu descobrir

que os dois estavam registrados como veículos da prefeitura de um município da Baixada Fluminense.

Mesmo os vizinhos mais interessados em cuidar da vida alheia já tinham desistido de puxar assunto com o homem. Sabiam que ele era o morador mais antigo, que era aposentado, e só. Apesar de ser amável e conversar com todos, não se recusar a devolver as bolas e pipas que caíam em seu quintal e de frequentar, ocasionalmente, as missas de domingo, não conseguiam descobrir nada mais sobre sua vida.

Em geral na primavera viam chegar caminhões com material de construção. Sacos de cimento, areia, catalisadores, barras de ferro. O material era colocado no quintal. Mas nunca viram nenhum pedreiro entrar na casa para fazer nada. Na verdade, com exceção do homem bem-vestido, da van e de alguns técnicos de ar-condicionado que apareciam nos meses mais quentes, mais ninguém cruzava a velha porta de madeira de lei, atualmente desbotada e descascada. Acreditavam que ele mesmo devia fazer o serviço de reforma, fosse lá qual fosse.

Mentalmente, Maldonado calculava quanto aquela compra devia ter custado, quanto cada técnico deveria cobrar por visita. O vizinho devia ter muito dinheiro. Maldonado pensava em como poderia saldar suas dívidas de jogo e se livrar da velha que chamava de "meu amor" somente para ser sustentado por ela.

Quando o verão chegava, Ferraz não era mais visto, salvo exceções. O homem, ao contrário dos vizinhos, não iluminava a fachada da casa com pisca-piscas de Natal, nem saía para ver os fogos na noite do dia 31. Também não o viam sair de casa no Carnaval.

Por falta de informações, os boatos começaram. Era um louco, tinha sofrido uma desilusão amorosa, seria um fugitivo da lei. Volta e meia, durante uma conversa de bar, alguém que o via passar logo levantava a questão: o que ele tem no porão? Esses e outros boatos divertiam os vizinhos e amedrontavam as crianças do bairro. Entretanto, nenhuma história chegou perto da assustadora verdade.

Em uma tarde quente de janeiro, Ferraz arriscou uma de suas raras saídas. Cruzou os portões da vila, caminhando com dificuldade, carregando uma sacola de mercado. Mas nesse dia, ele não conseguiu chegar ao seu destino. Talvez o calor, talvez o coração já castigado. Caiu desacordado, espalhando as compras

pela calçada quente. Ferraz ainda conseguiu entregar um papel ao bombeiro que o atendeu, com o contato de seu irmão mais novo.

Maldonado foi rápido. Na mesma noite, aproveitando a lua encoberta, saltou com facilidade o muro dos fundos da casa de Ferraz. Tateou o bolso e pegou um estojo de metal, local onde guardava seu conjunto de gazuas. Foi bom não ter se livrado dele. nunca se sabe quando uma porta vai precisar ser arrombada. O interior da casa, ao contrário do exterior, era organizado e limpo. A decoração era mínima. Maldonado viu, com surpresa, que o vizinho nem televisão tina. Achou a entrada do porão, uma porta de metal lacrada por um cadeado grosso. Demorou mais tempo para abrir esse. Quando abriu a porta, sentiu uma brisa gelada e o cheiro similar ao de uma sala de cirurgias.

Entrou, fechando a porta. Uma escada de concreto larga conduzia ao fundo. A luz se acendeu quando ele entrou. Sentiu o coração golpear o peito por causa da surpresa, mas conseguiu ver o sensor de presença logo acima de sua cabeça. Havia também um display digital com letras vermelhas indicando a temperatura do lugar: 9°.

Desceu em passos cautelosos. Quando chegou ao último degrau, sentiu que as pernas tremeram. Apoiou a mão no corrimão frio de aço inoxidável.

Lá embaixo, três celas. Luzes de um azul frio e grossas barras espaçadas tornavam possível ver o interior, revelando cada detalhe. Uma delas estava vazia. Na outra, uma mulher grávida deitada sobre uma cama baixa parecia dormir. Na outra, uma menina de 12 anos levantou-se de um colchonete e o olhava.

Maldonado ficou encarando a menina, que o observava com a mesma curiosidade que ele. Notou que ela usava roupas claras, finas demais para a temperatura lá embaixo. Estava descalça e, em seu tornozelo, uma tira ligada a uma corrente estava chumbada à parede. Ouviu a voz da menina:

— Ajudar. Ajudar eu, moço. – A menina falava de maneira estranha. Não devia ser brasileira.

Ele voltou para a grade. A menina tentou se aproximar, mas a corrente a impediu.

—Ele sequestrou vocês? — Maldonado tentava por os pensamentos em ordem. Será que Ferraz era um sequestrador? Um maníaco? Pensou que, se aquelas duas eram estrangeiras com dinheiro, podia receber uma recompensa das autoridades

pelo seu “ato heroico”.

Mantendo a menina no campo de visão, vasculhou rapidamente o porão. Haviam sacos de cimento empilhados em um canto, materiais de pedreiro, alguns produtos de limpeza e sacos com roupas sujas e rasgadas, mas nada de valor. Também não achou as chaves das celas.

— Sabe onde estão as chaves? — o rosto da menina, desprovido de emoção o encarando, o incomodou — Fala minha língua?

— “Muito” fome. Ajudar eu.

Sacou o estojo. Era melhor tirar as duas dali e logo. O frio já começava a deixar seus dedos entorpecidos. Olhou para a mulher e a menina. Como elas aguentavam aquele frio com roupas tão finas? Desarmou a tranca da cela no exato momento em que ouviu um barulho às suas costas. Era um barulho conhecido. Ele mesmo já o produzira algumas vezes. Uma arma sendo engatilhada:

— Quem diabos é você?

Ainda abaixado, olhou para trás. Não conhecia o homem às suas costas, mas os traços eram semelhantes ao de Ferraz, com exceção dos óculos. Parecia uma versão dele mais nova, ou menos sofrida.

— Levanta devagar e se afasta da grade.

Maldonado obedeceu. Mantendo as mãos erguidas, ainda segurando o estojo de metal, encarou o homem que segurava a arma. O homem parecia mais assustado do que ele.

— Você é irmão do Ferraz? Divide o lucro do com ele?

— Seu idiota. Não entendeu nada! — a voz não tinha firmeza e Maldonado reparou que a arma tremia, bem como a mão que a segurava. Deu um passo decidido a frente. Seu pensamento se confirmou. O homem, mesmo armado, deu um passo para trás, a arma ainda tremendo em suas mãos.

— São russas? As “gringas” devem valer dinheiro alto… Fico de bico calado… Posso até ajudar…

— Fique aí mesmo…

— Posso ajudar… — com um movimento rápido, Maldonado arremessou o estojo na direção do rosto do recém-chegado. Ele desviou a cabeça, evitando o objeto, dando tempo suficiente para Maldonado se aproximar, derrubá-lo com dois socos e tomar a arma.

Entrou na cela.

— Já vou tirar você daí, benzinho.

Quando abaixou para abrir a corrente da menina, sentiu a pequena mão dela segurar seu pulso. Primeiro pensou ser um gesto de agradecimento ou medo. Sua opinião mudou quando a mão apertou seu braço dolorosamente, como um torno de bancada. Viu que os olhos da menina tinham mudado. Pareciam olhos de um gato no escuro. A boca se abriu, o cheiro de uma sepultura violada o acertou no rosto.

Puxando-o pelo braço, a menina tentou morder seu rosto. Por puro reflexo, sem apontar, Maldonado virou o cano da arma para a barriga da menina e disparou. O tiro a queima roupa atirou a pequena de encontro à parede dos fundos. Ele caiu no chão, soltando a arma. Olhou para o pulso e viu, com horror, que ele tinha sido fraturado. Arrastou-se como pode, apoiando metade do corpo nas grades que dividiam as celas.

Ouviu um som vindo de fora da cela. O suposto irmão de Ferraz se levantava com dificuldade, tossindo. Conseguiu se recobrar parcialmente e disse, apoiando-se na parede:

— Seu idiota! Elas não são russas... São sérvias. E não são humanas. Não totalmente — aproximou-se da porta da cela e apoiou a mão na grade. — Elas são Vlokoslak. Na Rússia eram usadas pelos czares pra controlar os servos e os inimigos. A máfia russa também as usou. A chinesa tentou, mas não deu certo...

Cambaleando o homem fechou a porta, trancando-a.

— Elas são os vampiros da vida real. Só que não bebem só sangue. Também comem carne... — o homem engoliu em seco antes de continuar — e comem tudo.

A menina no fundo da cela se levantou. Os olhos ainda os de um gato no escuro. Tentou se aproximar, mas a corrente mais uma vez não permitiu.

— São ótimas pra sumir com indesejados... Opositores, dissidentes, testemunhas... Meu irmão cuida delas, eu cuido dos contratos. O problema é a manutenção. Vieram do Leste Europeu, sabe... Só ficam ativas no frio. E aqui no Rio de Janeiro parece ser sempre verão.

Maldonado apontava a arma para a garota. Vampiro russo ou não, ainda tinha balas. Braços finos, brancos e gelados vieram por trás e cruzarem pela sua frente, abraçando-o. A grávida na sela vizinha finalmente acordara. E devia estar com fome. Sentiu a boca dela se enfiando pela abertura entre as grades,

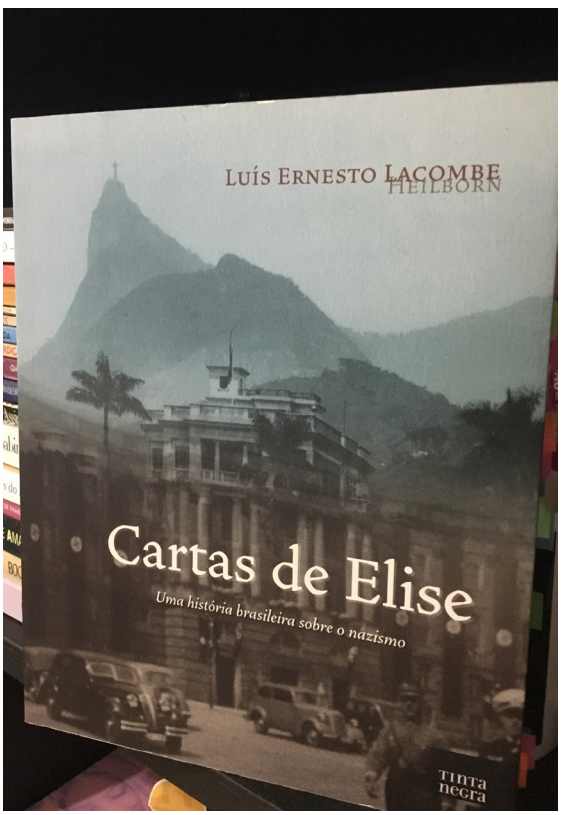
alcançando sua nuca num último beijo.

O irmão de Ferraz virou o rosto, emitindo um gemido quase infantil. Não aguentava ver aquilo. Subiu apressado, fechando a porta. Lembrou-se que precisava levar roupas para o irmão no hospital. Aquele verão seria longo e ele precisava voltar logo aos cuidados de suas hóspedes. Pelo menos, o problema da comida estava parcialmente resolvido.

Hedjan C. S.
hedjancs@gmail.com

Carioca, nascido em 1978. Pedagogo, funcionário público, colunista da Revista Litere-se e fã de histórias assombradas. Publicou contos em antologias de terror das editoras Andross, Illuminare, Elemental, Coerência, Autografia e nas revistas literárias Avessa e Litere-se. Mantém o blog materiadepesadelos.blogspot.com.br. Suas influências literárias são Nelson Rodrigues, Stephen King e H.P. Lovecraft.

Resenha Avessa



Cartas de Elise – Luiz Ernesto Lacombe
ISBN-13: 9788559080056
ISBN-10: 8559080058
Ano: 2016 / Páginas: 256
Idioma: português
Editora: Tinta Negra

"Cartas de Elise – uma história brasileira sobre o nazismo" é o quarto livro de Luís Ernesto Lacombe, jornalista e apresentador, e sua primeira experiência na prosa. O autor refaz a trajetória de sua família que viveu na Alemanha e foi separada durante o regime de Hitler.

Ernest Heilborn, avô paterno de Lacombe, desembarcou no Rio de Janeiro, em 1934. Fugia do nazismo. Na Alemanha, ficaram sua mãe, Elise, seu irmão, tios, primos e amigos. Era uma época em que a distância dividia realmente e a comunicação era difícil. Cartas, telegramas...

Foi justamente a correspondência trocada por Ernest com a Alemanha que permitiu a Lacombe se aproximar de uma parte de sua família, da qual tão pouco sabia, e a desenvolver o enredo. A viúva de Ernest, que viveu até os 96 anos, dizia que não guardara nenhuma das cartas trocadas entre o marido e seus parentes e amigos. Quando Lisette morreu, em 2006, as correspondências foram encontradas em seu apartamento em Copacabana.

Cristina Heilborn-Guenther começou a fazer a tradução para o português e uma grande pesquisa sobre a família... Ao mesmo tempo, tentava convencer o irmão a escrever um livro sobre o assunto, contando a saga da família.

A narrativa vai revelando como a vida de Elise, na Alemanha, e de Ernest e Lisette, no Brasil, é alterada durante todo o processo nazista de perseguição aos judeus. A mãe de Ernest demora a se convencer de que precisa deixar seu país. No início, não reconhece o perigo, talvez se ache inatingível. Depois, momentos de preocupação e desespero. De vez em quando, alguma esperança, nada que dure muito. Precisa fugir e não consegue. Os nazistas não deixam. A história se passa entre a Europa e o Rio de Janeiro. A Copacabana do início do século XX aparece logo no segundo capítulo. O bairro é quase um personagem. Foi onde Ernest conheceu sua mulher, Lisette. Ela cresceu num casarão em frente a essa praia, uma das mais famosas do mundo, foi uma das primeiras banhistas cariocas.

Para entender esta obra tão singular e importante, é de extrema importância compreender as duas Grandes Guerras que abalaram o mundo, deixando marcas até hoje; fatos este que até hoje são referências de estudos.

A **Primeira Guerra Mundial** (1914 – 1918) e **a Segunda Guerra Mundial** (1939 – 1945) duraram quatro longos anos.

A Primeira Grande Guerra Inicia-se com o choque de imperialismos: a construção da estrada de ferro Berlim-Bagdá, Pan-eslavismo Russo (união de todos os povos eslavos sob a proteção da Rússia), Nacionalismo da Sérvia; Conflitos originários da decadência do Império Turco; Crises no Marrocos; Primeira e segunda Guerra Balcânica.

Foi encerrada em 1918 com a Alemanha transformada em República. Em 1919, houve a Conferência de Paris (Palácio de Versalhes), onde decisões pós-guerra diplomáticas foram tomadas. Foram 27 países "vencedores" participando. Resultando em duras penalidades à Alemanha, como: perdas de suas colônias; Ficou proibida de ter forças armadas; Foi considerada culpada pela guerra; Teve que pagar uma indenização aos "vencedores".

A Segunda Guerra Mundial é assim chamada por ter se tratado de um conflito que extrapolou o espaço da Europa, continente dos principais países envolvidos. Além do norte da África e a Ásia, o Havaí, território estadunidense foi também palco de disputas territoriais e ataques inimigos. Também houve o agravamento da crise econômica, que aumentou o sentimento de derrota e fracasso, proporcionando um palco para os ideais do Partido Nazista.

A frente do Partido, fundado em 1920, estava **Adolf Hitler**, que chegou ao poder em 1933, defendendo ideias como a da superioridade do povo alemão, da culpabilização dos judeus pela crise econômica e da perseguição; isolamento e eliminação dos mesmos e de outros grupos como ciganos, homossexuais e deficientes físicos e mentais.

Os Aliados começaram a derrotar o Eixo em 1942. O Pacífico, Estados Unidos e Austrália derrotaram os japoneses. Em fevereiro de 1943, os nazistas perderam a batalha de Stalingrado, na União Soviética, e foram expulsos da Bulgária, Hungria, Polônia, Tchecoslováquia e Iugoslávia, dois dias depois do suicídio de Hitler e do alto-comando do Partido Nazista. Iniciou-se o processo de rendição das tropas nazistas, colocando, assim, fim à guerra na Europa.

Após breve recordação de fatos históricos, segue um questionamento. O quanto uma leitura pode proporcionar conhecimento em uma única leitura?

Cartas de Elise é uma obra com potencial para auxiliar no ensino. A obra é uma história brasileira sobre o nazismo, narrado em terceira pessoa, pelo jornalista Luiz Ernesto Lacombe. O grande triunfo da obra é justamente o seu estilo de narrativa, um relato de memória romanceada.

Quem está acostumado a acompanhá-lo em sua jornada de trabalho, nos tempos de Globo, participando do Jornal da manhã ou no Globo Esporte e agora retornando a apreciá-lo pela Band, depara com esta riqueza de história, sofrida por uma época nazista, repleto de suspense e

muito suspense mesmo, com o desfecho de Elise, personagem real e motivadora de toda a narrativa.

Segundo depoimento de Lacombe à imprensa, no ano de 2006, após uma virada de ano tranquila em casa, ele recebe a notícia da internação da sua avó Lisette.

A internação foi por motivo grave e Lisette acabou não resistindo, chegando a óbito. Neste primeiro momento, o autor explana em texto corrido a árvore genealógica da família Bahiana, que é a da sua querida avó.

Bahiana é uma tradicional família percussora do ensino da arquitetura no Brasil. Mas Lisette foi muito além.

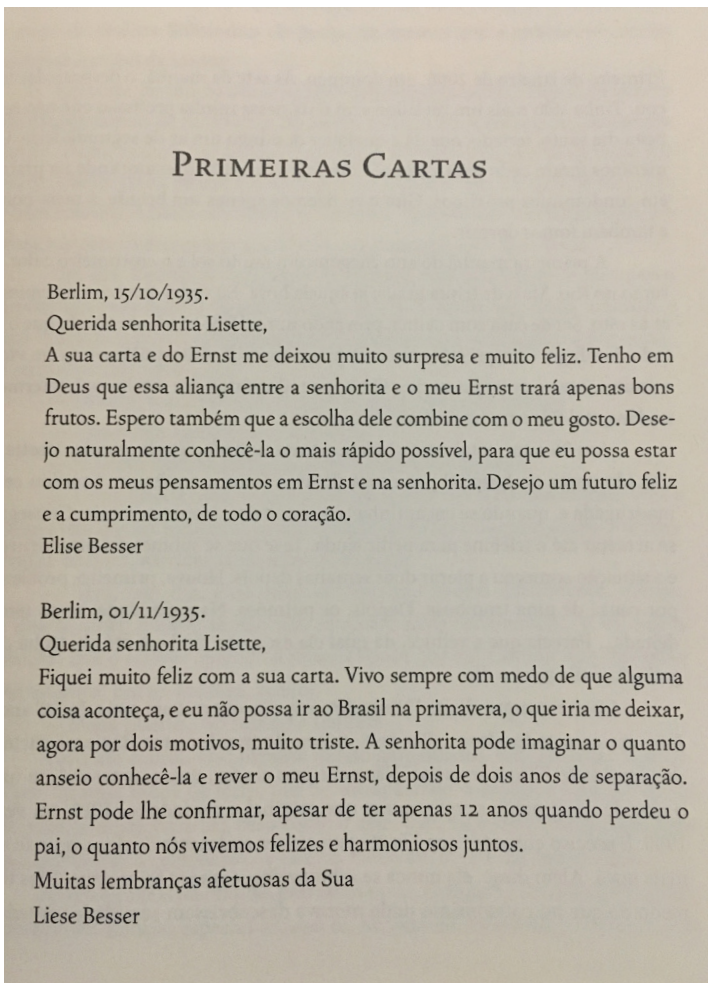
> "Lisette queria aproveitar a vida, e isso incluía namorados. Não era, obviamente, uma época de liberdades, mas ela não pretendia fazer o papel da moça totalmente recatada" (p.19)

Após conhecer Lisette; após o momento de dor da perda, Ernest é apresentado (e, é neste momento, que o leitor também conhece) a Elise, a culpada pelo título da obra.

A partir deste momento a história fica envolvente, pois além de informações, passa a encontrar emoções, suspense e muita aflição com cada fato, cada momento.

O leitor conhece a história da família na Alemanha e como a ligação com o Brasil nasceu, fazendo com que o elo Alemanha-Brasil ficasse forte, quase refugio.

> "…. O que fica? O que se leva? O que se busca? Aquelas despedidas, como a de Ernest, já se tornavam comuns entre as famílias judias, e fazia apenas um ano que Hitler tinha chegado ao poder." (p.52)



PRIMEIRAS CARTAS

Berlim, 15/10/1935.
Querida senhorita Lisette,
A sua carta e do Ernst me deixou muito surpresa e muito feliz. Tenho em Deus que essa aliança entre a senhorita e o meu Ernst trará apenas bons frutos. Espero também que a escolha dele combine com o meu gosto. Desejo naturalmente conhecê-la o mais rápido possível, para que eu possa estar com os meus pensamentos em Ernst e na senhorita. Desejo um futuro feliz e a cumprimento, de todo o coração.
Elise Besser

Berlim, 01/11/1935.
Querida senhorita Lisette,
Fiquei muito feliz com a sua carta. Vivo sempre com medo de que alguma coisa aconteça, e eu não possa ir ao Brasil na primavera, o que iria me deixar, agora por dois motivos, muito triste. A senhorita pode imaginar o quanto anseio conhecê-la e rever o meu Ernst, depois de dois anos de separação. Ernst pode lhe confirmar, apesar de ter apenas 12 anos quando perdeu o pai, o quanto nós vivemos felizes e harmoniosos juntos.
Muitas lembranças afetuosas da Sua
Liese Besser

Divulgação

Segundo em entrevista, Lacombe e sua irmã acharam uma coleção de cartas da sua avó, com conteúdo histórico. À medida que apreciavam e descobria a história da família, os irmãos uniram forças, para fazer destes fatos uma obra memorável.

Tudo isso por um simples motivo, o teor das cartas tem nazismo, guerra e Hitler. Uma história com conteúdo estrondoso, não poderia e não ficou sem ir ao conhecimento público.

Elise, Lisette e toda a família sofrem com o horror e consequências da Segunda Guerra. A cada carta enviada ao filho já no Brasil, uma incerteza, um aperto no coração. Tem um momento na obra, que a leitura fica frenético, por ficarmos sem notícias da Elise, fazendo o leitor sofrer juntos com os personagens, gerando ansiedade, tortura e compulsão na leitura.

> "Os irmãos de Elise, Georg e Siegfried, e o cunhado Fritz Koeppler voltaram para casa, depois de uma guerra que teve o uso de armas químicas, tanques, metralhadoras, bombardeios aéreos." (p.73)

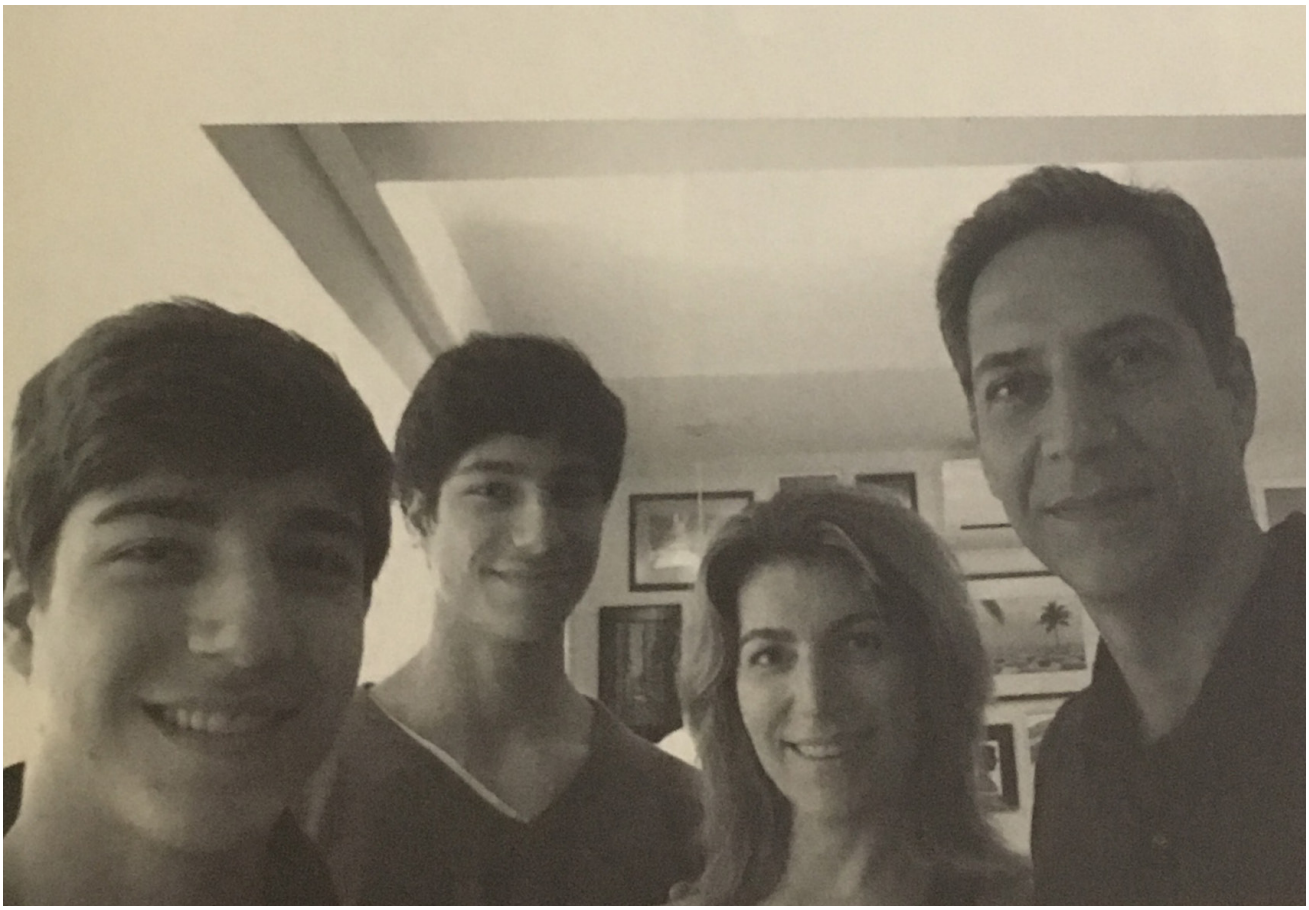
Um livro de reminiscência, autobiográfico, que os personagens são reais e presenciaram a dor, o preconceito, abuso de autoridade, um Governo injusto. É arrepiante sentir todo o abalo que a obra relata.

Em se tratando de Guerra, a dor é imensurável e nada faz sentido. Não é uma leitura fácil para os fortes, ainda mais os sensíveis, principalmente quando se percebe que o narrador faz parte da família, que o mesmo está desembrulhando história de pessoas próximas do seu convívio.

Ler Cartas de Elise é compreender a dor que foi uma época; é conhecer a história com uma narrativa delicada e instigante; é reconhecer a importância da obra para todo tipo de leitor.

Fica aqui a dica de leitura e alerta para as escolas e instituições educadoras de conhecerem e adotarem. Uma leitura enriquecedora de conhecimentos históricos, narrado em forma de memória, relatos, com muitas fotos, cartas e fatos.

Patrícia Brito
leiturasplus@gmail.com



Luiz Ernesto com a família Divulgação

Luís Ernesto Lacombe trabalha em televisão desde 1988, jornalista com passagem na Globo e atualmente na Band. Participou da cobertura de três guerras, dos atentados de 11 de setembro nos Estados Unidos, de três olimpíadas e quatro copas do mundo. Carta de Elise – uma história brasileira sobre o nazismo é seu quarto livro. Desta vez com ajuda da irmã caçula, Cristina Heilborn-Guenther – responsável pelas traduções e pela pesquisa que deram origem ao livro e moradora da Alemanha há 25 anos – Lacombe conta a história da parte judia de sua família. (Sugestão: Foto de Lacombe com a família)

@bcNantai
/bcNantai
www.bcrausnantai.com

Tempo em quatro cores

Quatro luzes, céu aberto
É o que estou a enxergar
Cada uma a seu tempo
Uma cor vai deflagrar

De primeiro, a primavera
Tão serena, flores mil
E depois vem o verão
Favorito do Brasil

Sem demora, o outono
Alivia o calor
Já o inverno, passageiro,
Traz a chama do amor

Sempre em ciclo as estações
Vêm e vão sem nunca ver
Que o que deixam, na verdade,
É a Vida e o Saber!

Diferentes Sensações

Sigridi Borges

"Sou professora de Matemática, fascinada pelos números. Escrevo há pouco tempo mas há muito me apaixonei pelas letras. Tenho poemas publicados em revistas virtuais e antologias físicas. Autora do livro Algarismos em sonetos, publicado pela Editora Scortecci, selo Pingo de Letra. Escrever me faz viajar e transmitir o prazer pela leitura e pela escrita."

Dia quente, que alegria! Quero uma companhia.
A invadir o meu jardim, Sol brilhante, até que enfim.
Estação tão esperada quer deixar-me animada.
Piquenique, é Verão, estou contente!
Praia e mar tão aguardados, dias longos a aproveitar.
À noitinha a passear e o luar admirar.
Visitar um belo parque, ver crianças a brincar,
curtir a vida com vontade e nunca desanimar.

Já três meses se passaram, que alegria desde então,
me despeço com harmonia, vem agora outra estação.
Nessa, as folhas vão cair das árvores
que enfeitavam o ambiente.
Vêm as noites mais fresquinhas,
com edredom vou esquentar as peninhas.
Clima ameno, mais friozinho, brisa leve ao fim da tarde.
Vão, se escondem os passarinhos,
dormirem mais cedo em cada parte.
Nesse Outono tão cinzento a preparar-me para o frio.

Mais três meses já se vão a chamar outra estação.
A temperatura despencou, dias curtos, noites longas,
é o Inverno a bater na porta, está mais frio.
E quem se importa?
Um chá quentinho me convida ou um cinema com pipoca,
encolhida a ficar, no sofá me aconchegar.
Embrulhada nas cobertas, chocolate bem quentinho,
ou encontrar o meu amor, ganhar um abraço apertadinho.

Três meses já se foram, vem agora a Primavera,
flores lindar a aparecer, meu coração a aquecer.
Pássaros alegres a cantar, brotos novos a surgir
nas plantinhas a crescer e o jardim todo a florir.
Dizem "Estação do amor" onde encontro toda flor
colorida a adornar no canteiro a florescer.
Plantas de toda espécie, quem já viu nunca se esquece.
Jardineiro a se esbaldar criativo a enfeitar.

Tenho aqui as estações, são em quatro, maravilha!
Distribuídas pelo ano, admirá-las me convida.
Cada uma, com sua beleza, se destaca, com certeza.

Folhas de Outono

Jéssica Ribeiro
ribeiro.jess@hotmail.com

Mora em Jundiaí, interior de São Paulo, é uma leitora assídua desde os doze anos de idade. Atualmente, com 18 anos é estudante de tempo integral e publicou seu primeiro romance Crônicas dos Snay: Terra pela Editora Coerência em setembro de 2016.

As folhas de Outono estão a voar
Nas estrada a passar
Um choro de bebê vou ouvir
E um canto surgir

Descubro, então
Que sou eu esta razão
Um sorriso vou ver
Nos rostos a aparecer

Poder experimentar a brisa no ar
Poder o sol tocar
Poder ver as folhas ao cair
E finalmente tudo isso sentir.

O Canto da Cigarra

Com a alma em festa, seresta.
Cantarolava a cigarra anunciando mais um verão
e as formigas se preparando
para dias de privação.

Elas então levavam ligeiras,
quando sentiam o vento morno,
folhas e flores pro formigueiro
como faziam em todo outono.

Com a alma de seresta, festa.
Celebravam as formigas acolhendo o inverno
e até mesmo Dona Cigarra
com o seu cantar eterno.

Ela trazia sempre consigo
uma canção falando de espera,
assim saudando adiantada
toda beleza do primavera.

Daniela Genaro
danigeaguiar@gmail.com

"Sou professora de História e escritora nas horas vagas. Assim, transito entre a realidade e a fantasia. No exercício da minha profissão, pesquiso, reflito, ensino e aprendo. Na possibilidade da escrita, imagino, adormeço, sonho e desperto para a poesia."

Ondas do Calor

Laila de Mauro
lailamauro@bol.com.br

Pofessora aposentada, graduada em Pedagogia e Letras, com Mestrado em Educação pela UnB. Nasceu no interior de Minas Gerais, mas foi criada em Brasília/DF. Possui algumas poesias e crônicas registradas em blogs, revistas e livros de publicação coletiva.

Nas ondas do calor
O ardor do verão
Não ondula o ar
O corpo pede acomodação
E ondular fica o olhar

Nas ondas do calor
Lagos e rios em redução
Não podem ondear
Mas se há ventos em ação
Ondulosos podem ficar

Nas ondas do calor
O Sol de verão
É ondulante ao iluminar
E com preguiçosa inspiração
Em ondulação passo a versar

Um Amor Além das Estações

Aquela tarde chuvosa e fria
Foi o cenário perfeito pro nosso encontro
Olhares cruzaram ainda distantes
Lábios tocaram-se de longe

Início de um verdadeiro amor
As flores da primavera foram testemunhas
De todo sentimento
Que no inverno começou

Dias quentes passamos juntos
Banhados de luar ao som do mar
Revigorando o prazer de estarmos juntos
Acordados pelo sol a nos cumprimentar

Jamais imaginei mas sempre desejei
Um amor, um amar amada amado
Caindo pétalas de felicidade em nós
Para reflorescermos cada dia mais apaixonados.

Nilde Serejo
facebook.com/NildeSerejoOficial

"Artesã, apaixonada pelo mundo literário e escrevo poesias desde pequena com algumas já publicadas mas nenhum livro ainda escrito".

Copyright (c) Revista Avessa